



O Fantasma

Um conto gótico de
THIAGO S. SEVLA

Creio que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano — uma das faculdades, ou sentimentos primários, que dirigem o caráter do homem.

Edgar Allan Poe

O Cantorito

Um conto gótico de Thiago S. Sevla

COPYRIGHT[©] DRÍADE EDITORA, 2022

Coordenador Editorial: Thiago S. Sevla

Revisão: Dríade Editora

Design de Capa: Thiago S. Sevla

Diagramação: Thiago S. Sevla

Foto de Capa: SOMATUSCANI – iStock

Ilustração: Dominick – Adobe Stock

Sevla, S. Thiago

O Contrito – Conto

Thiago S. Sevla (autor) – São Paulo – SP:

Dríade Editora, 2022.

LITERATURA BRASILEIRA

PROIBIDA A REPRODUÇÃO: Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, copiada, transcrita ou mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações, assim como traduzida, sem a permissão por escrito do autor.

Os infratores serão punidos pela Lei nº 9.610/98.

O Combrito

Maldito é aquele que se perde na própria sombra.

Quem vê esta metrópole decadente e imunda, através de uma perspectiva trivial e profana, não observa tudo que se oculta embaixo do véu soturno... E do auspício ao horror, tenho meu êxtase noturno. Carrego o rastro da morte, e ele se dispersa em diversos aspectos, em muitas faces e disfarces. Meus principais aliados são o desejo e o medo — de qualquer espécie —, predicados que me fazem pujante e inconcebível.

. . .

Por vezes, ele nem carecia adentrar no orbe sobrenatural, tudo que pertencia ao flanco profano e repulsivo, ainda lhe causava demasiado prazer. Tais atributos já o acompanhavam desde a vida adulta.

As vítimas eram sempre selecionadas com esmero. Após escanear suas linguagens corporais e até microexpressões, o estratagema se compunha em instantes. A materialização do ardil ocorria com a mera aproximação, do olhar ao sorriso, do *boa noite* ao leito. Euforia; atrito; excitação; suspiros; toques;

sucção... um aumento no fluxo sanguíneo genital; a troca de fluídos; gemidos de dor e prazer, o aroma da cópula, átimos orgásticos. Depois, o epílogo de uma sinfonia atra e escarlate: sangue, evisceração e mortes.

Essas eram as recordações de Dravic sobre a noite anterior, na verdade, parte delas...

. . .

Um dia frio e chuvoso expunha seu semblante melancólico. Período vespertino, fim de tarde, temperatura em doze graus. Pessoas apressadas transitavam pelas ruas, trajando agasalhos e munidas de seus guarda-chuvas, compenetradas com um ar sóbrio. Aos amantes do inverno, emanava um tempo aprazível. E para os apreciadores, clima perfeito para a degustação de uma boa bebida destilada.

Um homem caucasiano, de cabelo castanho, rosto arredondado e corpulento, andava o mais rápido que podia no Centro de São Paulo. Devia ter por volta dos quarenta anos. Seguia em direção à Catedral da Sé. Aflito. Esbarrou numa velha, que arrastava uma criança tagarela pelas mãos. Pediu desculpas e seguiu seu destino. Quando chegou em frente à bela arquitetura neogótica, se benzeu e adentrou. Não perdendo tempo, caminhou em direção ao confessionário, onde um pároco estava.

O sujeito chamava-se Horácio, mantinha-se explicitamente perturbado, apenas por seu tom de voz já ficava saliente. Trocou cumprimentos formais com o religioso e logo iniciou sua confissão. Todavia, ao invés de ser o mais objetivo possível, ele começou a contar toda sua história de vida, não poupando detalhes — talvez, uma forma de frisar que era pessoa digna.

Em certa altura da confissão, o padre Ismael — homem calvo, magro, imberbe e já idoso — demonstrava estar enfadado e impaciente. Começava a fitar seu relógio de pulso. Mas apenas escutava, vez ou outra, condescendendo com o contrito. Na sequência, tentava conter o bocejo intrusivo que lhe despontava. Pouco depois, acabou deixando escapar um murmúrio de reclamação.

Pediu ao sujeito que adiantasse um pouco a história. Ele se desculpou e garantiu que não ia demorar muito para encerrá-la. Porém, não cumpriu. Narrou ao menos mais vinte minutos de acontecimentos triviais, deixando escapar algumas lágrimas.

Hoje é meu dia de penitência! A maldita história não acaba nunca! — pensava o pároco aborrecido.

Eis que o padre chegou a seu limite e interrompeu, com entonação austera e ríspida:

— Escute, meu filho — pigarreou —, ou me diz logo o que lhe aflige, confessando qual é o seu pecado, ou vou pedir que se retire. Caso não tenha percebido, esta catedral não lhe pertence. Ainda tenho muitas pessoas para ouvir e muitos afazeres.

Após a reprimenda, o homem levou as mãos ao rosto, se calou durante alguns segundos, e no ápice de sua perturbação, proferiu aos prantos:

— Eu matei minha esposa... — um soluço irrompeu em meio ao choro, houve um silêncio sepulcral por parte do padre, que parecia durar uma eternidade — Sim... Eu a matei... Com minhas próprias mãos — o assassino fitou a mão direita enfaixada — quebrei todos os ossos da face dela, fiz questão de desfigurar seu rosto; de contemplar seu sangue ímpio e senti-lo em minhas mãos. Ela tentou me golpear, mas não possuía minha força. Se debatia como um animal agonizante. Até chegou a morder minha mão e abrir um talho, mas isso só

serviu para que eu aumentasse minha cólera e a socasse com mais força. — O confidente fez uma pausa. — Quando terminei, esquartejei o corpo dela, hoje, pela manhã. O cadáver está embaixo da minha cama...

O padre, demonstrando estar desconcertado e arrebatado de temor, disse:

— ... Pelo sangue de Jesus!... Mas por quê? ... Meu Deus... Qual o motivo de tamanha atrocidade?!

— Traição... — o sujeito abaixou a cabeça, olhava para baixo, sentia-se destroçado pela desonra — Não sei se o senhor sabe o que realmente significa essa palavra... — fez uma pausa — Dedicar uma vida inteira a uma pessoa, ser fiel como um cão. Solícito, companheiro, amoroso... — o facínora inspirou — Não tenho mais razão para viver, tampouco penso em me entregar à polícia. Não! Eu não me considero um assassino comum. Não matei por capricho! O crime foi passional, mas tive total razão. Não quero ficar trancafiado em uma cela com ladrões, traficantes, pervertidos, pedófilos e todo tipo de escória! Sempre fui um homem íntegro, devoto. Enfim... — secou as lágrimas com as mãos — Tenho um revólver calibre 38, a primeira coisa que farei quando chegar em casa é estourar minha têmpora. Só queria... Só precisava... Desabafar e pedir perdão pelo que fiz...

Quando o homem levantou a cabeça, percebeu que o velho Ismael não estava mais no recinto. Então, deixou o confessionário às pressas, e clamou pelo vigário, choroso. Percebeu que o local naquele momento estava completamente vazio. Pensou que o religioso havia escapado sem alarde e à surdina, ligado para a polícia.

As grandes e pesadas portas da catedral abruptamente se fecharam. Horácio passou a ser acometido por um intrínseco desespero. Vozes sombrias surgiram em sua cabeça, insultando-

lhe e ressaltando que sua alma estava condenada. O sujeito levou as mãos à cabeça. Eis que iniciaram estranhas manifestações aos olhos do uxoricida. Uma bruma gélida e mal-agourada emergiu no ambiente. Um sopro frígido e infernal arrebatou-lhe. O assassino sentiu sua alma gelar. Estava sendo consumido por um medo abissal. Num átimo, foi arremessado para trás com todo vigor. Ainda mais atônito e tremendo de pavor, levantou-se da queda, no mesmo instante em que se deparou com uma visão tétrica.

O padre eclodia no alto da catedral, rente ao teto, levitando... O rosto se contorcia e assumia nova feição; uma faceta bem mais jovem, pálida, com longos cabelos, olhos negros, como o manto da morte. Suavemente, começou a descida, com sorriso perverso decorando o semblante, expondo dentes pontiagudos. Quando por fim encostou os pés no chão, antes do sujeito dizer algo, arrancou-lhe a cabeça com as pontas de suas longas e afiadas garras. Do sangue que escorria do membro decepado, a criatura mirava próximo à boca, sorvendo o líquido escarlate, sob imenso deleite.

Aquela figura misteriosa se chamava Dravic. Era considerado jovem por seus semelhantes; tinha noventa anos de idade, mas aparentava menos que trinta. Não temia igrejas, crucifixos, água benta ou quaisquer artifícios inerentes às credences populares. Contudo, como todas as criaturas de sua espécie, esgueirava-se apenas do sol e fogo.

— *Por um breve momento, pensei até em lhe recrutar. Seu ódio, sua coragem, vigor e bestialidade, preenchem os requisitos para me servir como laçao e integrar o Clã que estou constituindo. Mas quando mencionou que ia ceifar a própria vida, atestei que não passava de mais um verme estúpido e covarde, típico de sua espécie — pensava alto o ser sombrio.*

• • •

Precedendo a chegada de Horácio, Dravic invadiu a Catedral, ainda na madrugada, silencioso e imperceptível. Dirigiu-se até a cripta que havia dentro daquela edificação. Na sequência, abriu um dos esquifes e atirou partes de um esqueleto no chão, fechou e dormiu ali mesmo, durante algumas horas. Depois de ouvir ruídos e perceber que pessoas chegavam ao local — membros eclesiásticos — despertou de seu sono. Sorrateiramente, seguiu até a sacristia e estripou o padre Ismael, trucidou as outras vítimas antes que pudessem gritar mais que poucos segundos. Saciou sua sede de sangue, drenando cada fatídico ser humano que se encontrava no perímetro. Por fim, escondeu os corpos. Logo, aproveitou o ensejo para se divertir. A ideia mais lúdica que lhe passou pela cabeça, foi vestir a batina, os adereços e se passar por padre.

Apesar de ter se alimentado e da *diversão*, a criatura estava no lugar por um motivo muito particular e macabro. Seu irmão caçula fora um clérigo. Quando soube que o religioso faleceu — com idade avançada, devido a um infarto — e havia sido sepultado na cripta da Catedral da Sé, resolveu que despertaria o cadáver do familiar, utilizando seu sangue e um ritual de necromancia. Enfim o traria para o lado nefasto. Sempre achou repulsivo o caçula escolher carreira eclesiástica, mesmo antes de Dravic se tornar a figura lúgubre e sanguinária que é atualmente...

SOBRE O AUTOR

THIAGO S. SEVLA

É um ponto reticente entre os 7 bilhões de sapiens. Céptico, pagão, trivial, sem status e sem adornos, só mais um vindouro cadáver. Alguém que persegue a dúvida e frisa não ter certeza de nada, exceto da morte. Apesar disso e dos malogros existenciais, ainda aprecia a natureza, a arte, o humor e a beleza — em suas mais variadas formas. Busca resquícios de solidez, num mundo cada vez mais líquido.

Apresenta-se apenas como um escritor paulista, designer gráfico e capista de livros. Também é o coordenador editorial da Dríade Editora. Coursou Cinema e Audiovisual no Centro Universitário São Judas Tadeu, em Santos – SP. Sua influência literária permeia Shakespeare, Poe, Baudelaire, Bram Stoker, Florbela Espanca, Cruz e Sousa, Augusto dos Anjos e Machado de Assis. Além do filósofo Arthur Schopenhauer. Possui uma página no Facebook chamada **Versos Noctívagos**, onde posta poemas, alguns contos e nanocontos. Já foi coautor e organizador de diversas antologias. Em breve, lançará seus livros solos.



www.driadeeditora.com.br



sevla.t.s@gmail.com



Versos Noctívagos



[@sevla.t.s](https://www.instagram.com/sevla.t.s)



DRIADE

2022